Revista EaD &
tecnologias digitais na educação

O trabalho docente na rede pública estadual mineira em face dos discursos sobre as tecnologias educacionais

Adelino Francklin, UEMG

afrancklin@uol.com.br

***Resumo**: Este artigo visa analisar a discrepância entre os discursos salvacionistas em favor do uso das tecnologias na Educação e o trabalho docente na Rede Pública Estadual de Minas Gerais (REE/MG). Justifica-se pelo aumento do número de discursos da Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais (SEE/MG), em entre os anos de 2003 a 2014, em favor do uso das tecnologias na Educação como necessidade para elevar a qualidade no ensino. Destarte, a SEE/MG adquiriu computadores, lousas digitais para as escolas da REE/MG e tablets educacionais para os professores que atuavam na mesma rede de ensino. Foram aplicados questionários e realizadas entrevistas semiestruturadas com cinco professores secundários de diferentes disciplinas que atuavam na REE/MG. A abordagem da pesquisa foi qualitativa. As análises apontam que houve ausência de formação continuada para o uso das tecnologias pelos professores da REE/MG; obstáculos para o uso das tecnologias na educação na REE/MG e que a SEE/MG adotou uma visão instrumentalista sobre as tecnologias na educação no contexto estudado.*

***Palavras-Chave**: Rede Estadual Mineira; Tecnologias; Trabalho Docente.*

***Abstract**: This article aims to analyze the discrepancy between the Salvationist discourses in favor of the use of technologies in Education and the teaching work in the State Public Network of Minas Gerais (REE / MG). It is justified by the increase in the number of speeches by the State Secretariat of Education of Minas Gerais (SEE / MG) between 2003 and 2014 in favor of the use of technologies in education as a necessity to raise quality in education. Thus, SEE / MG acquired computers, digital slates for the REE / MG schools and educational tablets for teachers working in the same teaching network. Questionnaires were applied and semi-structured interviews were conducted with five secondary teachers from different disciplines who worked at REE / MG. The research approach was qualitative. The analyzes indicate that there was a lack of continu-*

ous training for the use of technologies by REE / MG teachers; Obstacles to the use of technology in education in the REE / MG and that the SEE / MG adopted an instrumentalist view on technologies in education in the context studied.

***Keywords**: Mining State Network; Technologies; Teaching Work.*

1. Introdução

O presente artigo é resultante de uma dissertação de mestrado em Educação intitulada As implicações do uso das tecnologias no trabalho docente: percepções de professores secundários da rede estadual mineira (FRANCKLIN, 2016), que teve como objetivo geral conhecer e analisar, na perspectiva dos professores, quais as implicações que as tecnologias têm causado no trabalho docente na Rede Estadual de Ensino de Minas Gerais (REE/MG). A pesquisa justificou-se pelos diversos discursos em favor do uso das tecnologias na educação, ao passo que condições de trabalho dos docentes não eram adequadas.

O recorte temporal da pesquisa foram os anos de 2003 a 2014, que correspondeu ao período de governo do Partido Social Democrata Brasileiro (PSDB) no governo de MG.

O referencial teórico, a bibliografia consultada e os dados coletados instigaram o autor a buscar analisar a discrepância entre os discursos em defesa do uso das tecnologias educacionais e o trabalho docente na REE/MG.

Por meio de entrevistas semiestruturadas com cinco docentes que atuavam no Ensino Fundamental II e Ensino Médio da REE/MG, foi possível identificar as condições precárias e intensificadas de trabalho dos docentes em face do uso das tecnologias na educação. Adotou-se uma abordagem qualitativa para a pesquisa.

2. Os discursos em favor do uso das tecnologias na educação

No atual contexto histórico verifica-se a existência de discursos[3] em favor do uso das tecnologias na educação, tendo encontrado respaldo em autores que abordam a temática (LÉVY, 1999, 2010; KENSKI, 2005, 2012, 2013; ALMEIDA; VALENTE, 2011; MORAN, MASETTO, BEHRENS, 2007). Para Kenski (2012, p. 44), "usamos muitos tipos de tecnologias para aprender e saber mais e precisamos da educação para aprender e saber mais sobre as tecnologias". Desse modo, as tecnologias têm sido vistas como imprescindíveis no contexto educacional, sendo relevantes para a formação docente e para a formação dos estudantes.

"A tecnologia educacional entra no discurso pedagógico como um dispositivo de inovação das práticas pedagógicas tradicionais" (FISCARELLI, 2009, p. 153-154) e os discursos em defesa das tecnologias na educação apresentam-se de forma salvacionista.

Na mesma direção que os discursos e documentos oficiais, ouve-se expressões em reuniões pedagógicas sobre as tecnologias na educação, tais como: "é um caminho

[3]O conceito discurso é empregado neste artigo tal como para Fiscarelli (2009, p. 24), tendo como significado os "modos de pensar sobre o mundo e as coisas, que se materializa na palavra dita ou escrita, utilizando-se de signos, frases e práticas discursivas e que orienta a nossa visão de mundo, nos constituindo enquanto sujeitos, formando saberes por meio de regras e normas".

sem volta" ou, "os professores, a escola, precisam se adequar aos novos tempos". Assim, nos discursos de especialistas, diretores, secretários de educação e também de alguns docentes, prevalece a ideia de que a nova geração de estudantes não se interessa por aulas que possuam apenas o quadro negro como suporte para a ação didático-pedagógica do docente. Fiscarelli já apontara a influência desses discursos ao afirmar que:

> (...) todas essas estratégias e dispositivos discursivos convergem para um objetivo central: levar professores e alunos a se apropriarem desse discurso e verem na utilização de objetos diversificados em sala de aula, a aparente solução para problemas educacionais impostos. (FISCARELLI, 2009, p. 153-154)

Apesar dos discursos que remetem ao entendimento de que as tecnologias ou objetos educacionais contribuem para o processo de ensino-aprendizagem, constata-se que a maior parte dos professores de escolas públicas (67%) declara que aprende sozinho a utilizar computador e internet (BARBOSA, 2015). Com isso, observa-se a ausência de formação continuada para o uso adequado das diversas tecnologias na educação.

Verifica-se que a inserção das tecnologias na educação não tem sido algo defendido ou exigido pelos docentes, mas sim algo imposto para eles. Os discursos que advogam o uso das tecnologias na educação ocorrem de fora para dentro e não de dentro para fora, visto que os professores apenas internalizam os mesmos. Dentro dessa perspectiva, Silveira (2015, p. 34) afirma que "observa-se um descompasso entre o que é dito no discurso das políticas educacionais e o que acontece em sala de aula". Os professores não são ouvidos pelos que adotam as políticas públicas, que por sua vez se distanciam da realidade da sala de aula.

Silva e Garíglio (2010, p. 491) apontam para a mesma direção, ao afirmarem que "problema identificado pelos professores no processo de integração das TIC às práticas pedagógicas está na distância entre o processo de capacitação e a realidade escolar". Para eles, os cursos de formação para o uso das tecnologias no ambiente escolar, quando ofertados, muitas vezes são aligeirados e também não atendem as necessidades vivenciadas pelos docentes em escolas com realidades distintas.

Os discursos geram políticas públicas que Ball (2001) considera frágeis, produtos de acordos, sendo que podem ou não funcionar; são aprimoradas, moldadas por meio dos complexos contextos de influência, produção de texto e prática.

Os três principais contextos (influência, produção de texto e prática), do ciclo de políticas educacionais discutidos por Ball e Bowe, bem como analisados por Mainardes (2006), contribuem para pensarmos como seria a forma ideal de adoção das tecnologias na educação. O contexto de influência é referente ao momento em que os discursos políticos são construídos, em que também as políticas públicas se iniciam. O segundo contexto, da produção de texto é revelado por textos políticos articulados à linguagem do interesse público mais geral. Enfim, o contexto da prática remete ao papel ativo dos docentes no processo de interpretação e reinterpretação das políticas educacionais. Destarte, os docentes, a partir do contexto da prática, poderiam colaborar a partir de suas experiências em sala de aula, para o contexto de influência e de produção de texto, que remeteriam ao contexto da prática novamente, formando assim, um ciclo.

Na pesquisa “Estado do Conhecimento sobre Formação de Profissionais da Educação”, 1997-2002, foi possível observar que a maioria dos docentes da educação básica não se sentia segura para enfrentar mudanças decorrentes da inserção das tecnologias e por isso fazia “resistência” (BRZEZINSKI, 2008). Para Fiscarelli (2009), o que muitas vezes é chamado como “resistência” não nasce dos docentes, pois eles vêem a utilização das tecnologias como relevante. A “resistência” nasce, na realidade, da maneira como os objetos tecnológicos são introduzidos e apresentados à escola e para os docentes.

3. Documentos internacionais e nacionais em favor do uso das TIC na educação

Farias e Dias (2013) apontam que os textos produzidos por organismos internacionais, sobre inserção das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) na educação, assumem o discurso de que seu uso na escola permite melhorar a qualidade no ensino. Entretanto, o entendimento sobre qualidade no ensino e aprendizagem é discutível no meio acadêmico, bem como os efeitos (positivos e/ou negativos) das tecnologias no ensino e aprendizagem ainda não contam com dados consistentes. Dentro dessa perspectiva, Santos defende que:

> Os discursos de que só a tecnologia, por ela mesma, inovaria a educação é questionável, como também é questionável se a presença desta na escola é capaz de modificar as condições sociais da comunidade e todo o contexto no qual os sujeitos se inter-relacionam. (SANTOS, 2013, p. 6)

Os discursos salvacionistas na educação em torno de objetos educacionais tornaram-se mais presentes a partir da década de 1990, que é um contexto de significativas transformações no meio educacional.

Entre os documentos elaborados pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) e que estabelecem uma relação entre as tecnologias e a educação, constam o Projeto de Padrões de Competência em TIC para Professores (2009) e O Futuro da Aprendizagem Móvel: Implicações para Planejadores e Gestores de Políticas (2014)

O Projeto de Padrões de Competência em TIC para Professores, da UNESCO, objetiva:

> - constituir um conjunto comum de diretrizes, que os provedores de desenvolvimento profissional podem usar para identificar, construir ou avaliar materiais de ensino ou programas de treinamento de docentes no uso das TIC para o ensino e aprendizagem;
> - oferecer um conjunto básico de qualificações, que permita aos professores integrarem as TIC ao ensino e à aprendizagem, para o desenvolvimento do aprendizado do aluno e melhorar outras obrigações profissionais;

> - expandir o desenvolvimento profissional dos docentes para melhorar suas habilidades em pedagogia, colaboração e liderança no desenvolvimento de escolas inovadoras, usando as TIC;
> - harmonizar diferentes pontos de vista e nomenclaturas em relação ao uso das TIC na formação dos professores. (UNESCO, 2009, p. 5)

Observa-se que o documento elaborado pela UNESCO defende amplamente a formação continuada de docentes para o uso das tecnologias, com a perspectiva de que dessa forma haverá promoção do aprendizado do aluno. Além disso, o documento considera que haverá qualificação das habilidades profissionais dos docentes.

No documento O Futuro da Aprendizagem Móvel: Implicações para Planejadores e Gestores de Políticas (2014), da UNESCO, são abordadas tendências do futuro da aprendizagem móvel para os próximos 15 anos, ou seja, até 2030. De acordo com esse último relatório, a tecnologia móvel será, na próxima década e além, mais acessível e barata, tendo significativas implicações para a educação. Nesse sentido, afirma-se que "a educação e a tecnologia podem e devem evoluir lado a lado para servir de apoio uma à outra" (UNESCO, 2014, p. 14).

A UNESCO, através dos dois documentos abordados, advoga que a educação não pode distanciar das tecnologias. As transformações e inovações tecnológicas na sociedade são apresentadas como uma justificativa de que é necessário estar em sintonia com essas transformações ocorridas nas últimas décadas.

O documento Metas Educativas 2021 (2012, p. 40), elaborado pela Organização dos Estados Ibero-americanos, defende que:

> Não resta nenhuma dúvida de que a introdução das tecnologias da informação no sistema educacional vem produzindo um impacto extraordinário. O potencial das tecnologias da informação e da comunicação (TIC) na escola não se reduz somente à alfabetização digital da população. Espera-se também que tais tecnologias possam ser introduzidas transversalmente no processo de ensino-aprendizagem, facilitando a formação de competências modernas e melhorando os desempenhos educacionais dos alunos. Ainda assim, para que a incorporação das TIC possa ser aproveitada em seu máximo potencial educativo, as políticas que as fomentam não podem estar dirigidas exclusivamente ao provimento de equipamento tecnológico aos estudantes ou aos estabelecimentos escolares. É preciso que os recursos materiais sejam acompanhados e complementados: além dos processos de atualização e manutenção próprios do equipamento, é preciso garantir capacitação para os docentes, material e conteúdo educativo digitalizado e, sobretudo, a incorporação dessas tecnologias ao projeto educacional curricular, porém não como algo independente.

O relatório final – síntese, do documento Metas Educativas 2021, que teve a versão original publicada em 2010, em espanhol, e em 2012 em português, comunga da

tese de que o uso das tecnologias na educação pode colaborar para a melhoria do desempenho dos estudantes. O documento também apresenta a necessidade de formação dos docentes e da necessidade de atualização e manutenção dos equipamentos, que estão entre os grandes obstáculos para que os docentes possam fazer uso com eficácia das tecnologias na educação.

O Plano Nacional de Educação (PNE) 2011-2020 (BRASIL, 2010), em consonância com os organismos internacionais, aborda a necessidade da universalização do acesso à rede mundial de computadores pelos estudantes de escolas da rede pública de educação básica. Em sua diretriz VII consta promoção humanística, científica e tecnológica do país. Entre as suas vinte metas podemos citar:

> - 7.7- Fomentar o desenvolvimento de tecnologias educacionais e de inovação das práticas pedagógicas nos sistemas de ensino, que asseguram a melhoria do fluxo escolar e a aprendizagem dos estudantes.
> - 7.11- prover equipamentos e recursos tecnológicos digitais para a utilização pedagógica no ambiente escolar a todas as escolas de ensino fundamental e médio.

Dentro da mesma perspectiva, o Documento Final da Conferência Nacional de Educação, CONAE-2010, há citações em que o Sistema Nacional de Educação (SNE) deve prover: equipamentos em quantidade, qualidade e condições de uso adequadas às atividades educativas; tecnologias educacionais e recursos pedagógicos apropriados ao processo de aprendizagem (CONAE, 2010).

Em contraste com a diretriz VII do PNE (2011-2020) e com o CONAE-2010, observa-se que as escolas públicas ainda carecem de recursos tecnológicos adequados para o uso de estudantes e docentes. Problemas relativos à falta de equipamentos e de técnicos contratados pelo Estado e problemas de conexão à internet estão entre os grandes entraves para a concretização dessa diretriz. Kenski (2012) elenca que há vários outros problemas que dificultam o uso desses recursos na escola, tais como o currículo fragmentado, carga horária insuficiente e formação precária de professores para o uso pedagógico das diversas tecnologias.

É possível que entre os obstáculos para a implantação das TIC na educação haja uma ampla parcela de alunos que estão classificados como infoexcluídos, devido à miséria e a dificuldade em se utilizar a sala de informática (quando existe) na escola, a falta de equipamentos adequados e o acesso lento à internet. Para Moran, Masetto e Behrens (2007), há uma infraestrutura inadequada, as salas de aula são tumultuadas, com pouco material escolar avançado e tecnologias pouco acessíveis a todos.

Conforme afirma Fiscarelli, há mais de 50 anos se preconiza o uso desses objetos educacionais na escola.

> [...] a utilização de objetos no ensino do período (décadas de 1960 e 1970) está a serviço não somente do pedagógico, mas também de fatores econômicos, sociais e políticos que vêem nessa utilização a chave para que o país adentre o mundo tecnológico, desenvolvimentista e progressista. (FISCARELLI, 2009, p. 154)

Assim, parece evidente que os diversos discursos e documentos em favor do uso das tecnologias na educação estão atrelados aos interesses político-econômicos de organismos nacionais e estrangeiros. Ao incutirem a ideia de que as tecnologias são necessárias para a melhoria da educação, encontram justificativa para a compra de diversos equipamentos tecnológicos. Além disso, nota-se que há um contraste entre os discursos oficiais e programas governamentais e as condições precárias das unidades educacionais.

De acordo com a TIC Educação 2014, apenas 30% dos professores de escolas públicas fazem da sala de aula o principal local de uso das TIC nas atividades com alunos (BARBOSA, 2015). O número reduzido desses professores pode indicar que os mesmos ainda se sentem despreparados para tal prática, ou que não há condições de uso das tecnologias em sala de aula. Desse modo, Kenski (2012, p. 105-106) afirma que "o grande desafio está em encontrar formas produtivas e viáveis de integrar as TIC no processo de ensino-aprendizagem, no quadro dos currículos atuais, da situação profissional dos professores e das condições concretas de atuação em cada escola".

É necessário que os discursos em defesa do uso das tecnologias na educação estejam em consonância com os discursos que defendem melhores condições de trabalho para os docentes. No entanto, pouco tem sido feito para viabilizar de forma adequada o uso das tecnologias pelos docentes da rede pública de ensino. Exemplo a ser analisado ocorre na REE/MG.

A subsecretária de Informações e Tecnologias Educacionais do estado de MG à reportagem[4] publicada no jornal digital Mídia Mineira, afirmou que "é necessário a escola estar inserida na modernidade, no processo ensino-aprendizagem, com os laboratórios de informática e as lousas digitais, para que as aulas se tornem mais interessantes". Observa-se uma conformidade do discurso da subsecretária com os diversos discursos oficiais contemporâneos em favor das tecnologias na educação.

Desde o ano de 2004, com a criação do Projeto Escolas em Rede, a Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais (SEE/MG) passou a defender com maior ênfase em seus discursos a inserção das tecnologias na REE/MG.

A SEE/MG adquiriu lousas digitais para as escolas de Ensino Fundamental e Ensino Médio por meio do Programa de Ações Articuladas (PAR). Em matéria divulgada no site da SEE/MG[5], em 31 de dezembro de 2014, seriam compradas lousas digitais para 667 escolas da REE/MG. O investimento total seria de R$ 10 milhões, disponibilizados por meio da caixa escolar.

Outro investimento foi a compra de tablets educacionais, que foram entregues aos professores que atuavam no Ensino Médio da REE/MG no segundo semestre do ano de 2013. Conforme afirma Almeida e Valente (2011, p. 32), "para a integração de tecnologias ao currículo, não basta ter tecnologias disponíveis na escola para acesso de todos em qualquer momento". Além disso, "apenas o objeto material não é suficiente para caracterizar a especificidade de uma tecnologia educacional" (CYSNEIROS, 2003, p. 97). Dentro da perspectiva apresentada, os tablets educacionais, para serem consideradas

[4]Reportagem intitulada *Secretaria de Educação anuncia investimentos em equipamentos de informática para modernizar as escolas mineiras*. Disponível em: <http://www.midiamineira.com/2013/08/secretaria-de-educacao-anuncia.html>. Acesso em 18 jul. de 2017.

[5]A matéria pode ser acessada por meio do endereço eletrônico: <https://www.educacao.mg.gov.br/component/gmg/story/6676-secretaria-de-educacao-libera-recursos-para-aquisicao-de-lousas-digitais-para-mais-de-600-escolas-da-rede-estadual>. Acesso em: 18 jul. 2017.

tecnologias educacionais, precisariam ser utilizados na relação de aprendizagem e de ensino.

É possível que haja uma visão instrumentalista por parte da SEE/MG, que é quando se "entende a tecnologia como sendo simples ferramentas ou artefatos construídos para uma diversidade de tarefas" (VERASZTO, et al., 2008, p. 69), visto que os discursos sobre estes recursos tecnológicos em si, são entendidos como forma de promoção do aumento da qualidade da educação.

Para Silva (2005), torna-se fundamental, no contexto atual, a formação continuada dos docentes no que tange ao domínio sobre as tecnologias, pois mesmo disponibilizando a internet na escola, o ensino pode continuar a ser o mesmo, ou seja, uma mera distribuição de conteúdos empacotados para assimilação e repetição.

O encanto, a motivação e o sentimento de realização profissional dos docentes da REE/MG diminuem em face das políticas de responsabilização e da sobrecarga de seu trabalho. Nesse contexto, o uso das tecnologias tem representado mais trabalho para os docentes. "Resistências", "acomodações", "fraudes", "boicotes", existem, mas é possível que estejam relacionados às inadequadas condições de trabalho que estão submetidos os professores.

4. Os resultados da pesquisa com os docentes da Rede Pública Estadual de Minas Gerais.

Cinco docentes que atuavam na REE/MG, no Ensino Fundamental II e Ensino Médio, foram selecionados para responderem a 19 perguntas, que foram gravadas e posteriormente transcritas. Também responderam um formulário escrito, para a identificação da relação dos docentes com o uso das tecnologias.

Entre as 19 perguntas gravadas, selecionamos algumas que contribuem para analisar a discrepância entre os discursos em defesa do uso das tecnologias educacionais e o trabalho docente na REE/MG.

Os docentes entrevistados não se sentiam preparados para utilizarem as tecnologias de forma adequada no ensino.

> Não me sinto totalmente preparado. (D1; D3; D4);
>
> Não. Porque ninguém me treinou. (D2);

Umas das razões para o fato de se sentirem despreparados no que concerne ao uso das tecnologias talvez seja a baixa remuneração dos mesmos. Para Marinho (2005) um dos fatores para a exclusão dos docentes às novas tecnologias são os baixos salários que recebem. Dificilmente conseguem comprar equipamentos tecnológicos recém-lançados para uso pessoal e pagar por cursos de aperfeiçoamento.

No que concerne à lousa digital, os entrevistados afirmaram:

> (...) a escola recebeu uma lousa digital no início do ano de 2014, e até hoje (mês de março do ano de 2015) o técnico não apareceu para instalar e ninguém pode mexer. Então está lá, e provavelmente não vai aparecer. Essa lousa vai ficar sem uso. (D1)

> (...) lousa digital o governo mandou, só que faz dois anos, dois anos? É, dois anos que está guardada porque não tem quem monta a lousa e quem explica para outros como que usa aquilo ali. (D2)

A ausência de um técnico contratado pela SEE/MG implica no impedimento do uso de um recurso que representa um investimento financeiro alto para as escolas. Por essa razão, a lousa poderá ficar defasada antes mesmo que seja utilizada. Além disso, é questionável a compra destes equipamentos, uma vez que não contrataram profissionais suficientes para a instalação dos mesmos. Seria justificável uma investigação do Ministério Público sobre o mau uso do dinheiro público.

Todos os docentes afirmaram que não houve curso de formação para o uso do tablet educacional.

> Não, nenhum. Nenhuma orientação. (D1; D2; D4; D5)

> Não. Só chegou e entregou para nós. (D3)

No entanto, três docentes entrevistados afirmaram que a SEE/MG oferece outros cursos de formação continuada sobre o uso de tecnologias para os docentes que atuam na REE/MG, apesar de não terem cursado. Sobre estes cursos, fizeram algumas ressalvas, tais como:

> Bom, eu acredito que tenha. Mas, lá na minha escola, tem profissionais que pedem um para outro para ensinar. Ensina-me professor? Eles não fazem no horário que seja acessível para os profissionais. Eles fazem dentro do horário deles e não é o horário nosso, justamente pela sobrecarga de trabalho. Nenhum professor só tem um cargo. A maioria dos professores tem duas ou mais atividades. (D2)

> Não. Eu nunca tive conhecimento de nenhum curso nesse sentido. (D3)

> Tem. Eu particularmente não participei de nenhum devido a não "casar" tempo. Mas muitos professores aqui da minha escola já fizeram e eu não vi um resultado efetivo. (D5)

A dificuldade em conciliar os horários de trabalho com os horários dos cursos estão entre as maiores dificuldades apresentadas pelos entrevistados. A extensa jornada de trabalho semanal dos docentes pode estar entre os obstáculos para participação nos cursos. A liberação dos docentes do trabalho na REE/MG para frequentar os cursos também não tem sido uma alternativa apresentada. Destarte, concordamos com Arruda (2012, p. 29), ao afirmar que "não se pode ser injusto com o tempo necessário para a assimilação dos recursos tecnológicos e a transformação dos modos de fazer das práticas pedagógicas, que são antigos e complexos dentro das escolas. Não se transforma com um clique".

Por fim, as dificuldades apresentadas pelos docentes da REE/MG revelaram a distância entre o ideal existente nos discursos sobre o uso das tecnologias no ensino e a prática verificada na escola.

4. Considerações Finais

Em consonância com os discursos internacionais e nacionais em favor do uso das tecnologias na educação, a SEE/MG passou a também defender o uso das tecnologias educacionais como necessidade do atual contexto. Entretanto, verificou-se apenas o marketing por meio de reportagens e compra de equipamentos tecnológicos, sem oferecer condições de uso das tecnologias pelos docentes da REE/MG.

A SEE/MG anunciou que ofereceria formação para os professores que utilizariam os tablets educacionais. No entanto, não foram oferecidos cursos de formação para o uso dos tablets educacionais para a maior parte dos professores que atuavam no Ensino Médio da REE/MG.

Constata-se que houve, por parte da SEE/MG, um alto investimento material em detrimento de recursos humanos, ao valorizarem a compra de equipamentos tecnológicos e não oferecerem a formação continuada para que os docentes pudessem aprender ou se apropriarem do equipamento recebido. Notou-se uma concepção instrumentalista sobre a tecnologia na educação por parte da SEE/MG.

Os professores consideraram a aquisição dos tablets educacionais desnecessária e os equipamentos de baixa qualidade. Todos os docentes entrevistados não utilizaram os tablets educacionais para fins educacionais e para outros fins. Um alto investimento que não acrescentou na melhoria da qualidade da educação. Com isso, esse elevado gasto de dinheiro público poderia ter sido mais bem investido caso fosse destinado para a formação continuada dos docentes.

O fato de não haver técnicos contratados pelo Estado em número suficiente para atender as escolas da REE/MG tem impedido a instalação de equipamentos tecnológicos como as lousas digitais, que com o tempo podem tornar-se obsoletas. Percebe-se, dessa forma, que não houve um bom planejamento por parte da SEE/MG para a compra dos equipamentos, tendo em vista que os mesmos ficam encaixotados, sem condições de serem utilizados pelos professores.

Contudo, os professores não foram ouvidos sobre o que pensavam a respeito da aquisição dos equipamentos tecnológicos. Os discursos em favor do uso das tecnologias no ensino não levaram em consideração as condições de trabalho dos professores da REE/MG, revelando, desse modo, uma discrepância entre os discursos salvacionistas das tecnologias na educação com o trabalho docente na REE/MG.

Referências

ALMEIDA, M. E. B.; VALENTE, J. A. Tecnologias e currículo: trajetórias convergentes ou divergentes? São Paulo: Paulus, 2011. 93 p.

ARRUDA, H. P. de B. (2012). Planejamento de aula e o uso de Tecnologias de Informação e Comunicação: percepção de docentes do Ensino Médio. 2012. 256 f. Tese (Doutorado em Educação)- Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2012.

BALL, S. Diretrizes políticas globais e relações políticas locais em educação. Currículo sem Fronteiras, v. 1, n. 2, pp. 99-116, jul./dez. 2001. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol1iss2articles/ball.pdf >. Acesso em: 18 jul. 2017.

BARBOSA, A. F. TIC Educação 2014: Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação nas escolas brasileiras. Livro eletrônico. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2015. Disponível em: < http://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_Educacao_2014_livro_eletronico.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2017.

BRASIL. Projeto de Lei. Plano Nacional de Educação para o decênio 2011-2020. Congresso Nacional, Brasília, 2010. Disponível em:< http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7116-pl-pne-2011-2020&Itemid=30192>. Acesso em: 19 jul. 2017.

BRASIL. Construindo o Sistema Nacional Articulado de Educação: o Plano Nacional de Educação, diretrizes e estratégias; Documento Final. CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO (CONAE), Brasília: MEC, 2010. Disponível em: <http://conae.mec.gov.br/images/stories/pdf/pdf/documetos/documento_final_sl.pdf >. Acesso em: 193 jul. 2017.

BRZEZINSKI, I.. Trabalho Docente, Tecnologias e Educação. Trabalho e Educação. MG: Belo Horizonte, v. 17, n. 1, p. 35-53, jan./abr. 2008. Disponível em: <http://www.portal.fae.ufmg.br/seer/index.php/trabedu/article/viewFile/298/281>. Acesso em: 18 de jul. 2017.

CASTELLS, M.. A sociedade em rede: a era da informação economia, sociedade e cultura. Tradução de Roneide Venâncio Majer e Klauss Brandini Gerhardt. 8. ed., v. 1, São Paulo: Paz e Terra, 2005. 698 p.

CIMADEVILA, M. P. R.; ZUCHETTI, D. T.; BASSANI, P. B. S. O "Novo" Profissional da Rede Estadual do Rio Grande do Sul e as Tecnologias na Educação.Educação Temática Digital, Campinas, SP, v.15, n.1, p. 67-86, jan./abr., 2013. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/revistas/ged/etd/article/view/3065/3848>. Acesso em: 18 jul. 2017.

CYSNEIROS, P. G. Fenomenologia das Novas Tecnologias na Educação. Revista Entreideias: educação, cultura e sociedade, Bahia, n. 7, p. 88-107, 2003. Disponível em:<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/2792/1970>. Acesso em: 18 jul. 2017.

FARIAS, L. C.; DIAS, R. E. Discursos sobre o uso das TIC na educação em documentos ibero-americanos. Revista Linhas, Florianópolis, v. 14, n. 27, p. 83-104, jul.-dez, 2013.

FISCARELLI, R. B. O..A construção do saber sobre a utilização de objetos no ensino brasileiro.2009. 171 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar)-Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2009.

FRANCKLIN, A. Implicações do uso das tecnologias no trabalho docente: percepções de professores secundários da rede estadual mineira. 2016. 136 f. Dissertação (Mestrado) –

Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro Universitário Moura Lacerda, Ribeirão Preto, 2016.

KENSKI, V. M. Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação. 8ª ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2012. 141p.

_____. Das salas de aulas aos ambientes virtuais de aprendizagem. Anais do Congresso Associação Brasileira de Educação à Distância. Brasília, 2005, p. 71-80. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/030tcc5.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2017.

_____. Tecnologias e Tempo Docente. Campinas, SP: Papirus, 2013. 171 p.

LÉVY, P.. As tecnologias da inteligência – o futuro do pensamento na era da informação. 13. ed. Tradução de Carlos Irineu Costa. São Paulo: Editora 34, 2010. 208 p.

_____. Cibercultura. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999. 270 p.

MAINARDES, J. Abordagem do ciclo de políticas: uma contribuição de políticas educacionais. Educação & Sociedade.v. 27, n. 94, jan./abr., p. 47-69, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v27n94/a03v27n94.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2017.

MARINHO, C.. O uso das tecnologias digitais na Educação e as implicações para o trabalho docente. 2005. 158 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

Mídia Mineira. Secretaria de Educação anuncia investimentos em equipamentos de informática para modernizar as escolas mineiras. Minas Gerais: Cataguases, 01-ago., 2013. Disponível em: <http://www.midiamineira.com/2013/08/secretaria-de-educacao-anuncia.html>. Acesso em: 18 jul. 2017

MORAN, J.; MASETTO, M. T.,BEHRENS, M. A. Novas tecnologias e mediação pedagógica. 13ª Ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2007.

OEI. Metas Educativas 2021: a educação que queremos para a geração dos Bicentenários. Documento Final-Síntese. Brasília: OEI, 2012. 111 p. Disponível em: <http://oei.org.br/pdf/metas_sintese.pdf>. Acesso em: 18 ju. 2017.

SANTOS, N. F. A. IDEB e tecnologias educacionais: algumas reflexões. 36ª Reunião, Goiânia-Go, 2013. Anais da 36ª Reunião Nacional da ANPEd, Goiânia-Go, set./out., 2013.

SILVA, M. Internet na escola e inclusão. In. ALMEIDA, M. E. B.; MORAN, J. M..Integração das Tecnologias na Educação: Salto para o Futuro. Brasília: SEED-MEC, 2005.

SILVA, C. T. A.; GARÍGLIO, J. Â.. A formação continuada de professores para o uso das tecnologias da informação e da comunicação (TIC): o caso do projeto Escolas em Rede, da Rede Estadual de Educação de Minas Gerais. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, Paraná, v. 10, n. 31, p. 481-503, set./dez. 2010. Disponível em: < https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/viewFile/2380/2296>. Acesso em: 18 jul. 2017.

SILVEIRA, D. R.. Entre as propostas das políticas educacionais e o uso das novas tecnologias: uma análise do programa Acessa Escola. 2015. 120 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar)-Centro Universitário Moura Lacerda, Ribeirão Preto, 2015.

UNESCO. O Futuro da Aprendizagem Móvel: Implicações para Planejadores e Gestores de Políticas. Brasília: UNESCO, 2014. 64 p.

_____. Padrões de Competência em TIC para Professores. Marco Político. Paris: UNESCO, 2009. 13 p.

VERASZTO, E. V. et al.. Tecnologia: buscando uma definição para o conceito. Revista Prisma.com, n.7, p. 60-85, dez., 2008. Disponível em: <http://revistas.ua.pt/index.php/prismacom/article/view/681/pdf>. Acesso em 18 jul. 2017.